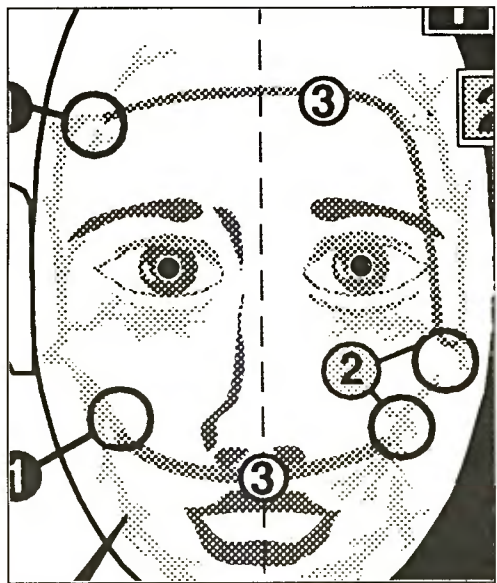


Técnica inova tratamento de paralisias

Cirurgião descobre técnica que pode revolucionar o tratamento das paralisias da face. O procedimento poderá ser usado também em paraplégicos. Pág. 5



Salada de frutas internacional

Trazidos de vários estados brasileiros e de países como o México e a Malásia, frutos como o biribá (foto) são cultivados no câmpus de Jaboticabal. Pág. 12



Jornal da
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
NOVEMBRO/93 - ANO IX - Nº 80

UNESP



No circuito de um novo tempo

UNESP inicia Plano de Informatização que, em três anos, deve interligar todos os câmpus por meio de uma rede de 3 mil computadores. Págs. 6 e 7

Crise social e reforma política

MILTON LAHUERTA



Os brasileiros não têm tido muitas razões para "se ufanarem" de seu País. Diariamente lêem nos jornais ou assistem no vídeo a uma verdadeira enxurrada de denúncias envolvendo membros de "sua classe política".

A tal ponto isto tem acontecido que a descrença, a desesperança e a sensação de beco sem saída tornaram-se os mais fortes componentes do imaginário popular. Donde o mal-estar que assola a sociedade, acuada por grave crise econômica, por profundo processo de fragmentação e com dificuldades de estabelecer uma agenda mínima para enfrentar a situação.

Não chega a soar estranho, portanto, que venha se consolidando um consenso entre as elites brasileiras: o de que a solução para a crise é fundamentalmente política. O que no mínimo nos coloca diante de um paradoxo. Afinal, jamais se assistiu a um processo tão violento de desqualificação da esfera pública e da atividade política. Portanto, reconhece-se que a saída para a crise é política, mas os atores que deverão concretizá-la encontram-se todos submetidos a um mesmo processo de desmoralização decorrente da autarquização da "classe política" em face dos processos sociais.

Tentando responder a este paradoxo, alguns setores têm apontado para a necessidade de se realizar uma profunda Reforma Política. Esta, além de aspectos constitucionais, envolve a legislação ordinária, tem dimensões cujo equacionamento passa por transformações na cultura política e visa essencialmente: 1) tornar o arcabouço institucional mais racional, inteligível e operante para o cidadão comum; 2) diminuir o dissídio entre as dimensões política e social; 3) fortalecer mecanismos que façam a intermediação entre o universo dos interesses privados e a esfera pública.

O pressuposto maior dessa reforma é o de que ela deve garantir e incentivar o direito de participação política, o que não significa exclusivamente liberdade de expressar reivindicações. Participação aqui tem um significado preciso de participação na vida pública, e isto só pode se realizar plenamente através da militância nos partidos políticos. Por isso, o ponto básico da reforma política encontra-se justamente na articulação entre os partidos, o sistema partidário e o sistema eleitoral, já que é nessa triangulação que se define a relação entre participação e representação.

A reforma partidária por sua vez, envolve medidas como: 1) impedir a proliferação de pequenos partidos no âmbito parlamentar, para que o sistema partidário possa contar com um mínimo de racionalidade; 2) estabelecer critérios bastante precisos a respeito do financiamento público



e privado dos partidos; 3) garantir mecanismos de fidelidade partidária; 4) regular a vida dos partidos, visando garantir a democracia interna e impedir a ocupação pelas oligarquias partidárias de todo o espaço público; 5) realizar prévias para a escolha dos candidatos aos cargos eletivos; 6) proibir as coligações para eleições legislativas; 7) baratear e tornar mais substantivas as campanhas político-eleitorais.

Vinculado à questão dos partidos, está outro ponto essencial: a reforma do sistema eleitoral. Sobre isso há relativo consenso quanto ao fato de o sistema proporcional de lista aberta (praticado por nós) transformar os candidatos mais próximos em ferozes competidores. De tal modo isto ocorre que a unidade partidária se vê frequentemente ameaçada, já que correligionários se envolvem em ferrenhas disputas por votos das mesmas regiões e/ou setores. Para se alterar esta situação, três soluções têm sido consideradas: 1) manutenção do sistema proporcional com correções, entre elas a adoção de listas fechadas de candidatos para as eleições legislativas; 2) adoção do sistema majoritário (entre nós chamado de distrital), que define a representação a partir do critério territorial, deixando em segundo plano a diversidade de opiniões presentes num dado espaço ("distrito"); 3) adoção do sistema misto, baseado no alemão, no qual se combinam os dois sistemas (proporcional e majoritário).

Um outro ponto relevante da agenda de

reforma é aquele que se refere à reforma dos Poderes da República. Este conjunto temático envolve: 1) a reforma do Poder Executivo que visa maior racionalidade da administração pública, diminuindo sobreposições de atribuições entre esferas e organismos de poder e evitando o desperdício de recursos. Óbvio que tal reforma implica a constituição de uma burocracia profissionalizada e o combate ao corporativismo estatal; 2) a reforma do Poder Judiciário, objetivando tornar a justiça mais acessível e barata à população e o estabelecimento de novas relações entre este poder e os outros. Aqui, o ponto chave é o do controle (externo ou não) sobre este poder; 3) a reforma do Poder Legislativo. Neste aspecto, trata-se de construir novas relações entre este poder e o Executivo, de modo a torná-lo mais corresponsável pelos Governos. É mister também se redefinirem as relações entre a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. A primeira não pode continuar a funcionar como uma casa composta por "vereadores federais", despachantes de luxo cuidando dos interesses menores de suas comunidades de origem.

Entretanto, para dar conta dos Poderes da República, a reforma política deverá enfrentar também outro conjunto de temas fortes. Refiro-me àqueles vinculados à reforma do pacto federativo, visando redimensionar o Estado e a administração centralizada, estabelecendo uma relação mais equilibrada entre União, Estados e Municípios (inclusive, contendo a proliferação de

Estados e Municípios assistida nos últimos anos). Neste sentido, além de mexer com o tema explosivo da representação desigual do eleitorado dos Estados, há que se tratar também da questão tributária e das atribuições e recursos orçamentários que cabem aos vários níveis de governo.

Todos estes tópicos que compõem a agenda de reformas políticas não podem ser pensados isoladamente e nem reduzidos à Revisão Constitucional. Mas, seja como for, nela e em torno dela se travarão duras batalhas para se decidir qual rumo seguirá o impulso reformador em nosso País. Se o dissídio entre o político e o social permanece se aprofundando, o cenário mais provável é o do apodrecimento social. A perspectiva de uma reforma política global e com coerência sistêmica pode se consolidar como um caminho alternativo a isto. Causa que deve ser fortemente contemplada pelas preocupações de todos aqueles que vislumbram que a construção democrática e a recuperação da sociedade brasileira não serão tarefas simples nem de curto fôlego. Num contexto como este, os intelectuais e a Universidade talvez não possam tudo, mas seguramente podem contribuir para o reencontro da sociedade com a política, bloqueando o caminho da descrença e da desesperança, atuando na reeducação da cidadania.

Milton Lahuerta é professor de Teoria Política da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara.

Reitor: Arthur Roquete de Macedo
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Administração: Márcio Rubens Graf Kuchembuck
Pró-reitor de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Júnior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Wagner José Oliva
Secretário-Geral: Darvin Beig
Diretores das Unidades Universitárias: Valdir

de Souza (FO-Araçatuba), Francisco Miguel Belda Neto (FCF-Araçatuba), Luis Roberto de Toledo Ramalho (FO-Araçatuba), Telmo Correia Arrais (FCL-Araçatuba), Cristo Bladimiro Melios (IQ-Araçatuba), Carlos Erivany Fantinati (FCL-Assis), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Ricardo Antônio de Arruda Veiga (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Luís Antônio Toledo (IB-Botucatu), Frederico Ozanema Papa (FMVZ-Botucatu), Paulo de Tarso Oliveira (FHDSS-Franca), Herman Jacobus C. Voornwald (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Néelson Gimenes Fer-

nandes (FCAV-Jaboticabal), Cândido Giraldez Vieitez (FFC-Marília), Márcio Antônio Teixeira (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Nereu Pagano (IB-Rio Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Paulo César Naoum (Ibilce-São José do Rio Preto), Rogério Lacaz Netto (FO-São José dos Campos) e John Edward Boudler (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor-chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Editor Adjunto: André Louzas
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimma e Tânia Belickas. Colaborou Katia Saisi

Editor de Arte: Celso Pupo
Fotografia: Adriana Zebrasukas
Secretária de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Alice Kobayashi e Maria Luiza Simões
Tiragem: 22.500 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Praça da Sé, 96, 6º andar, CEP 01001-900, São Paulo, SP. Telefone (011) 37-7120.
Composição, Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP

Em busca do parceiro ideal

Quatorze países da América Latina já aderiram ao Programa Bolívar, criado para viabilizar projetos entre universidades e estreitar relações com a iniciativa privada.

Criado no começo deste ano, por iniciativa do ex-presidente da Venezuela, Andrés Pérez, o Programa Bolívar tem como finalidade o financiamento e a promoção de projetos entre universidades, centros de pesquisa e empresas de 14 países da América Latina. Estruturado segundo os moldes do Programa Eureka Europeu, o Programa Bolívar conta com apoio técnico e financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e tem por objetivo proporcionar aos diversos segmentos da economia oportunidades de geração de novas tecnologias, produtos e serviços, através de financiamentos diretos. "É a primeira vez que o BID abre linhas diretas de crédito para o setor privado", diz José Carlos Valladão de Mattos, físico aposentado da Unicamp, consultor internacional em inovação tecnológica e um dos divulgadores do programa do Brasil.

O projeto, coordenado por uma comissão executiva sediada em Caracas, Venezuela, é, segundo Mattos, fundamental para o desenvolvimento da América Latina. "Queremos formar um grupo economicamente coeso, a exemplo da Comunidade Econômica Européia e dos tigres asiáticos", explica.

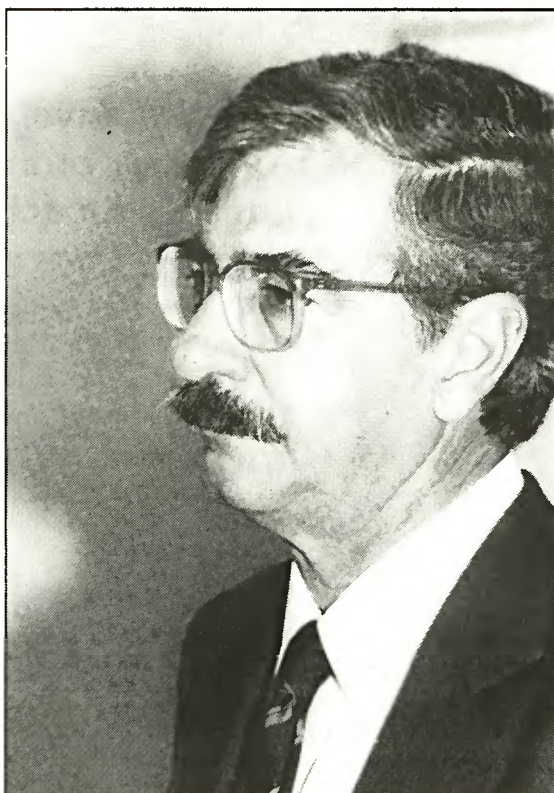
A iniciativa apresenta várias vantagens sobre os financiamentos já existentes, como a redução das exigências e barreiras burocráticas para financiamentos e a agilização na obtenção dos recursos. "Em geral, as empresas levam dois anos para obter um financiamento. Com o Programa Bolívar, o prazo será reduzido para quatro meses", calcula Mattos. Os financiamentos terão ainda juros menores que os de mercado.

PARCEIRO IDEAL

Para Amilton Ferreira, diretor-presidente da Fundação para o Desenvol-

vimento da UNESP (Fundunesp), o projeto será de grande utilidade para a Universidade. "O programa se encarregará de encontrar, para a UNESP, o parceiro mais apropriado à natureza da pesquisa que deseja realizar", diz. O parceiro, no caso, pode ser outra universidade ou uma empresa.

Cerca de 280 projetos, 50 deles brasileiros (20 provenientes da região Sudeste), pleiteiam financiamentos junto ao Programa Bolívar. Serão financiados projetos com custos estimados entre US\$ 50 mil e US\$ 10 milhões (veja outros detalhes sobre como proceder para conseguir financiamentos, no quadro abaixo).



Fotos Adriana Zebrauskas

DESENVOLVIMENTO
Valladão: grupo economicamente coeso

A UNESP e o Programa Bolívar

Em alguns câmpus da UNESP já foram identificados projetos passíveis de serem financiados pelo BID, através do Programa Bolívar. A Faculdade de Ciências Farmacêuticas do câmpus de Araraquara, por exemplo, tem mais de vinte projetos nessa situação, em três diferentes áreas (farmacêutica, tecnológica e de serviços). Entre eles, estão pesquisas sobre utilização do bagaço da cana-de-açúcar para uso farmacêutico e a produção, extração e caracterização de derivados de animais peçonhentos.

A Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu, por sua vez, aguarda financiamento para dois projetos: cola de fibrina, a ser desenvolvida em conjunto com a Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara,

e produção de antígenos para aplicação em seres humanos. A empresa Baumer Ortopedia Ltda., de Mogi Mirim, já solicitou ao Programa Bolívar um financiamento de US\$ 500 mil dólares para custear as despesas do projeto envolvendo a cola de fibrina.

A Faculdade de Ciências Agrônomicas e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal tentará viabilizar, através do Programa Bolívar, dois projetos: a produção comercial do palmito de pupunha, planta nativa da Amazônia peruana, que produz palmitos a cada dois anos (as palmeiras juçara e açai, brasileiras, levam entre oito e onze anos para chegarem à idade de corte), e a produção de milho híbrido, mais resistente à seca e às pragas.

Até agora, quatorze países do continente aderiram ao programa: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Honduras, México, Peru, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Para agilizar e difundir a iniciativa, bancos de Costa Rica, Colômbia, México e Venezuela formaram a Liga de Bancos do Programa Bolívar. "Os bancos associados dispõem de linhas de financiamento especiais para projetos aprovados pelo programa", conta Mattos. A proposta está sendo estudada, no Brasil, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e bancos regionais de desenvolvimento.

SERVIÇO

O Programa Bolívar é aberto a

- Empresas
- Centros de pesquisa
- Universidades

Como participar

- A empresa deve apresentar um resumo de suas atividades
- Se o interessado for uma universidade ou centro de pesquisa, deve listar sua produção científico-tecnológica e anexar o currículo do autor do projeto

O projeto deve conter

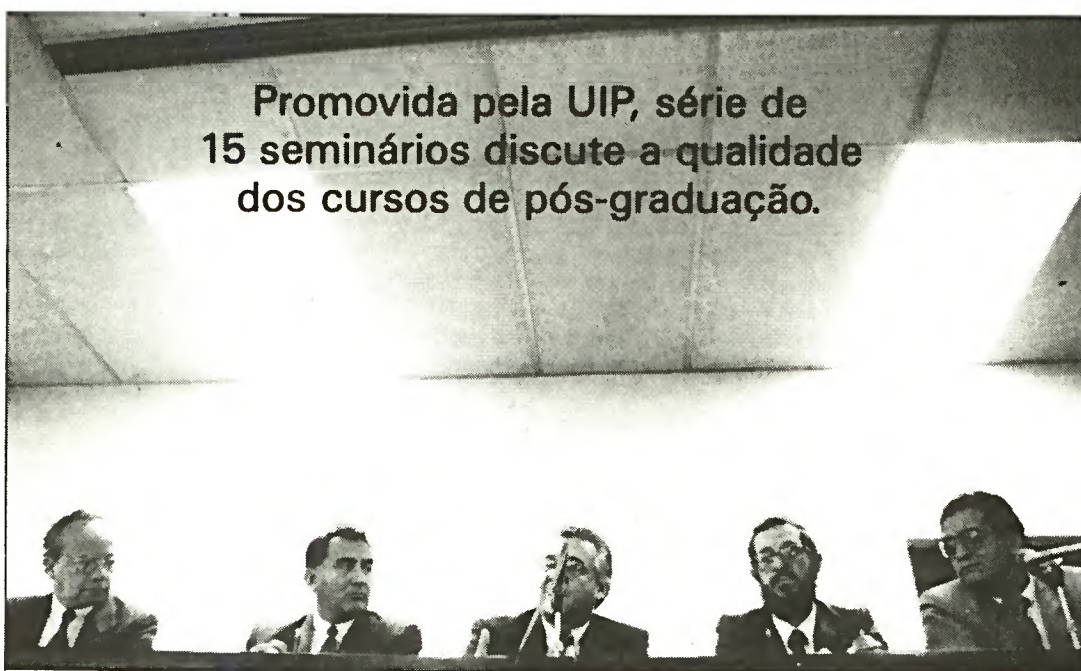
- Título
- Descrição dos objetivos (nova tecnologia, melhoria de produto, serviço, pesquisa etc.)
- Elementos de mercado que sustentem a proposta
- Aspectos inovadores da proposta
- Descrição do mercado potencial
- Estágio do projeto e prazo de conclusão
- Custos
- Parceiro desejado (empresa, universidade ou centro de pesquisa)

Maiores informações sobre o Programa Bolívar podem ser obtidas na Companhia de Desenvolvimento do Pólo de Alta Tecnologia de Campinas (Ciatec) — Rua Sampaio Ferraz, 697, Cambuf, Campinas, SP. Tel. (019) 54-5433.

Seminários debatem a pós-graduação

Colocar os cursos de pós-graduação dos países latino-americanos e da Península Ibérica no mesmo patamar dos oferecidos nas universidades européias e norte-americanas, esse é o principal objetivo da Associação Universitária Ibero-Americana de Pós-Graduação (UIP), que congrega 110 universidades de 18 países de línguas espanhola e portuguesa. Para discutir e melhorar a qualidade dos cursos de pós-graduação, em nível de mestrado, a UIP, que tem sua sede instalada em Salamanca, Espanha, programou uma série de 15 seminários em 13 cidades do Caribe, América Latina, Portugal e Espanha. Os debates começaram a ocorrer em setembro último e prosseguirão até março do próximo ano, abordando três aspectos distintos da pós-graduação: docência e investigação, direção e gestão e avaliação e credenciamento.

Associada à UIP desde 1989 e sede da direção regional para os países do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) e Portugal, a UNESP sediou um desses eventos. Entre os dias 18 e 20 de outubro último, foi realizado, na Reitoria, em São Paulo, o segundo Seminário Itinerante Internacional sobre Avaliação e Credenciamento (Siiava). O primeiro aconteceu na cidade de Ensenada, no México. A idéia, segundo o colombiano Víctor Cruz Cardona, diretor-geral da UIP, é promover uma ampla reflexão sobre as políticas e critérios de avaliação e credenciamento dos cursos de pós-graduação nos países associados à UIP. "Queremos criar parâmetros comuns de avaliação entre os países ibero-americanos", explicou Cardona, que participou do seminário. Estiveram também presentes ao encontro o professor Arthur Ro-



Promovida pela UIP, série de 15 seminários discute a qualidade dos cursos de pós-graduação.

AVALIAÇÃO

Cardona (segundo, a partir da esq.): reflexão sobre políticas e critérios

quete de Macedo, reitor da UNESP e vice-presidente da UIP, e os pesquisadores Javier Mendonza Rojas, da Universidad Autónoma de México, e Luiz Enrique Orozco Silva, da Universidad de Los Andes, da Colômbia, especialistas em avaliação universitária.

CENTRALIZAÇÃO

Quinze professores-doutores da UNESP e de universidades do Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais compareceram ao se-

minário. Mesmo com um número reduzido de participantes, Cardona acredita que o encontro foi significativo. "Os docentes foram bastante críticos e fizeram análises profundas dos seus problemas", disse. Na avaliação de Orozco Silva, os programas de pós-graduação da América Latina têm problemas semelhantes. "Há uma centralização dos cursos em grandes universidades, poucas pesquisas de vanguarda e falta de interação en-

tre os grupos de pesquisas e as redes internacionais de informação", analisou. Na Colômbia, por exemplo, das 242 instituições universitárias, apenas duas, de acordo com ele, estão conectadas a essas redes.

Segundo Cardona, existem critérios de avaliação que são comuns entre os países da comunidade ibero-americana. "Mas há diferenças na interpretação desses critérios", disse. "E o objetivo desses seminários é justamente encontrar uma proposta ponderada de avaliação, com base em padrões internacionais."

O professor Enrique Amayo, assessor do vice-reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva — um dos diretores regionais da UIP —, acredita que o Brasil pode dar uma contribuição importante nesse sentido. "Somos dos poucos países latino-americanos com um órgão como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que faz uma avaliação nacional dos programas de pós-graduação." Segundo Amayo, apenas o México e a Colômbia têm sistemas semelhantes aos da Capes. Os problemas e sugestões levantados nos quinze seminários promovidos pela UIP deverão ser publicados em um livro, que servirá como um espécie de manual de orientação dos cursos de pós-graduação para os países ibero-americanos.

PÓS-GRADUAÇÃO

Como pesquisa a América Latina?

Como as pesquisas universitárias têm contribuído para o desenvolvimento da América Latina? Será esse o principal tema do curso de pós-graduação que o Projeto Columbus-CRE, que reúne os reitores das principais universidades européias, estará promovendo entre fevereiro e setembro do próximo ano, em Caracas, na Venezuela, conjuntamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e o Instituto Venezuelano de Pesquisas Científicas (Ivic). Especialistas em diversas áreas da educação da América Latina e Europa vão ministrar seminários sobre diferentes aspectos da política científica nas universidades para um público formado por professores e estudantes de pós-graduação de vinte instituições latino-americanas.

"Queremos promover um amplo estudo sobre os sistemas de educação superior na América Latina, a sua interação com a economia nacional e comparar os resultados entre os países do mesmo continente", explicou a argentina Hebe Vessuri, chefe do Departamento de Estudo da Ciência do Ivic, responsável pelo curso. A pesquisadora e o professor Eugênio Portella, do Conselho Superior de Pesquisas Científicas da Espanha, membros do Projeto Columbus, estiveram na Reitoria, em São Paulo, no último dia 3 de novembro, para convidar a UNESP a participar desse projeto. Apenas cinco universidades brasileiras fazem parte do Projeto Columbus: UNESP,

Reunindo reitores de universidades européias, o Projeto Columbus promove um amplo estudo sobre os sistemas educacionais latino-americanos.



ESTUDO COMPARATIVO
Portella, da Espanha, e Vessuri, da Argentina: pesquisas entre os vários países da América Latina

USP, Unicamp e as Universidades Federais de Santa Catarina e Rio de Janeiro.

AÇÕES CONJUNTAS

O reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, presente ao encontro, entusiasmou-se com o projeto. "É importante otimizar os recursos do nosso continente através de ações conjuntas com os reitores latino-americanos", disse. Para o vice-reitor, Antonio Manoel dos Santos Sil-

va, a participação da UNESP no Projeto Columbus/Ivic virá ao encontro do trabalho que já está sendo desenvolvido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. "Estamos realizando um levantamento detalhado sobre os 497 grupos de pesquisa existentes na UNESP", ressaltou ele aos representantes do Projeto Columbus. A Universidade deverá selecionar um professor ou aluno para integrar o grupo multinacional de pesquisadores. O candidato escolhido em cada país

estabelecer, através dessas publicações, rotinas comuns de trabalho para as universidades latino-americanas no que se refere à avaliação do desempenho científico e à elaboração de indicadores de qualidade", disse Hebe. Outro resultado previsto do curso, segundo a pesquisadora, será a formação de um grupo seletivo de alunos de pós-graduação treinados em técnicas de investigação e monitoramento. "Eles irão repassar esses conhecimentos às suas respectivas universidades."

receberá uma bolsa, que corresponderá aos gastos relativos à estadia de um mês na Venezuela e às passagens aéreas.

De acordo com Hebe, o curso será dividido em três fases distintas. A primeira acontecerá entre 7 de fevereiro e 4 de março, quando serão ministradas palestras por sete docentes, três europeus e quatro latino-americanos. Serão analisados os sistemas universitários de cada país, os indicadores de desempenho, o financiamento para os projetos científicos e a relação entre a pesquisa universitária e a economia dos países latino-americanos. Entre março e agosto, os participantes trabalharão em suas próprias instituições, fazendo um levantamento de dados sobre cada um dos temas debatidos.

Finalmente, entre 29 de agosto e 2 de setembro, alunos e professores deverão apresentar, em Caracas, os resultados das suas pesquisas, visando a publicação de uma revista e um livro, financiados pela Unesco. "Vamos

CONVÊNIO

Universidade traça perfil do Estado

A fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e a UNESP assinaram, no último dia 7 de outubro, um convênio para a realização conjunta de um projeto denominado Pesquisa Municipal Unificada. A pesquisa tem por objetivo traçar um perfil amplo e detalhado dos 625 municípios do Estado de São Paulo. Criado em 1978, como entidade de direito privado, vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de São Paulo, o Seade é responsável pela coleta, organização, análise e divulgação de informações técnicas e estatísticas do Estado.

A UNESP se encarregará de distribuir questionários a 543 municípios paulistas, excluídos a Capital, os municípios da Grande São Paulo e os da região de Campinas. O trabalho será executado com a supervisão de 19 docentes da Universidade e com a participação de monitores recrutados entre alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. Os questionários, que começaram a ser distribuídos no final de outubro, contêm questões que abrangem doze áreas: estrutura administrativa, estrutura físico-territorial, habitação, saneamento básico, limpeza pública, transporte urbano, saúde, educação, cultura, esporte e turismo, promoção social e abastecimento.

Os monitores, treinados pelos supervisores, serão também responsáveis pelo acompanhamento dos dados fornecidos pelas prefeituras. Todo o material deverá ser enviado ao Seade, em disquetes, até o final de dezembro.

Para Fernando Soares de Camargo, diretor de produção de dados da fundação, o convênio é fundamental para que se conheça a

Ao lado da fundação Seade, pesquisadores da UNESP atualizam dados de 543 municípios, através de questionários que abrangem doze áreas.



FONTE DE INFORMAÇÕES
Camargo, do Seade, e o reitor Macedo: aprimorando o banco de dados

real situação dos municípios paulistas. "Com ele será possível aprimorar e expandir o banco de dados do Seade, fonte de informações para análises sócio-econômicas e estudos de planejamento urbano e regional do Estado", diz.

MANANCIAL DE DADOS

Para a Universidade, a parceria também é um bom negócio. "Ao mesmo tempo em que auxilia a sociedade e o Estado, o projeto UNESP-Seade retroalimenta a nossa graduação e pós-graduação", declarou o reitor Arthur Roquete de Macedo durante a assinatura do convênio. "O trabalho vai resultar num verdadeiro manancial de dados da mais alta importância para futuros trabalhos de docentes e alunos", acrescentou.

"Trata-se de uma parceria perfeita", observou, por sua vez, Márcio Costa, chefe de gabinete da Reitoria. "Enquanto o Seade fornece o know-how a UNESP entra com as bases de apoio à pesquisa, ou seja, com os corpos docente e discente, além de sua infraestrutura física, distribuída em 15 municípios." Para a geógrafa Silvana Maria Pintaudi, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro, uma das supervisoras do projeto, a Pesquisa Municipal Unificada trará muitos dividendos à UNESP. "Ela contribuirá para a formação dos alunos e, ao mesmo tempo, fornecerá dados mais precisos e confiáveis", diz. Com o auxílio da UNESP, Fernando Camargo espera agilizar a coleta de dados dos municípios e reduzir a defasagem de informações da fundação Seade.



Técnica inovadora cirurgia facial

Descoberta de cirurgião plástico revoluciona tratamento de paralisias

Uma técnica cirúrgica relativamente simples, inédita em todo o mundo, está revolucionando o tratamento da paralisia facial e outros problemas provocados pela ruptura dos chamados nervos periféricos. Desenvolvido pelo cirurgião plástico Fausto Viterbo de Oliveira Neto, da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu, o novo recurso permite que o nervo avariado tenha suas funções restauradas sem sacrificar outro nervo sadio, como ocorre nas cirurgias tradicionais. A técnica representa não só uma nova perspectiva na área de cirurgia plástica mas também promete estender seus benefícios a outros campos da medicina.

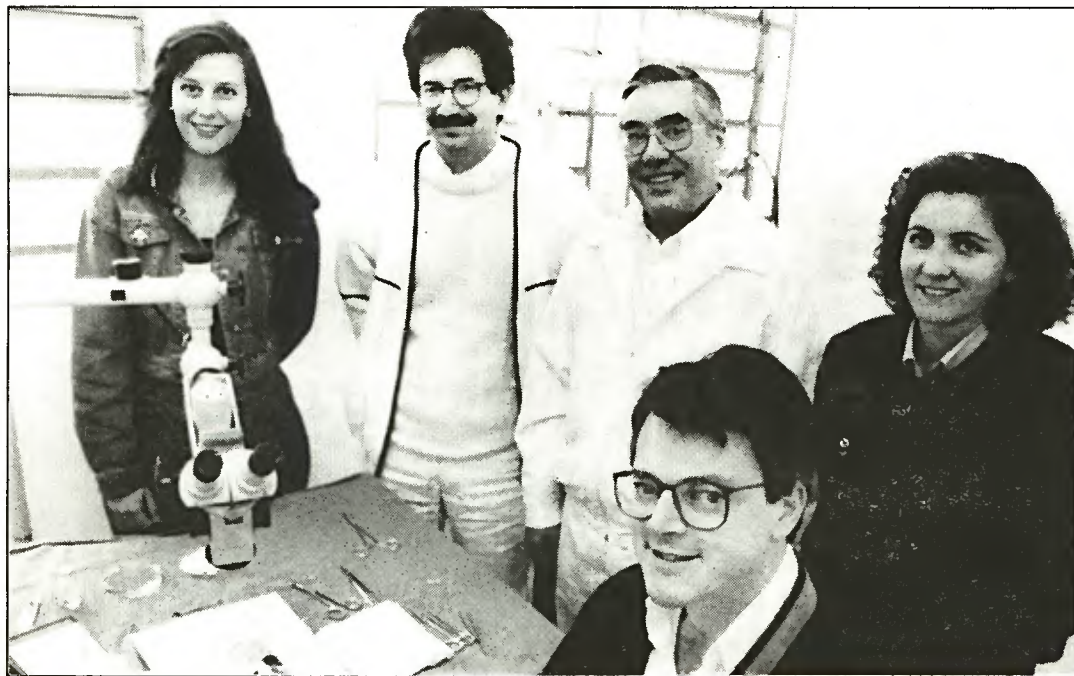
Conhecida como neurorrafia látero-terminal sem seccionamento dos nervos, a técnica vem sendo aplicada há dois anos em pacientes portadores de paralisia facial, com bons resultados. "Descobrimos que basta encostar um nervo na face lateral de outro para se conseguir fibras nervosas", explica Viterbo. "Ao fazermos isso, ocorre um entrecruzamento de fibras entre o nervo doente e o sadio, restabelecendo a passagem de estímulos elétricos." Até o momento, 16 pessoas com paralisia facial foram submetidas à intervenção. "Embora o prognóstico seja bom, ainda é cedo para fazermos uma avaliação precisa desses pacientes", diz o cirurgião.

A CIRURGIA: PASSO A PASSO

A cirurgia é realizada em duas etapas. Na primeira, duas equipes médicas, compostas por três cirurgiões, um anestesista e dois instrumentadores, realizam simultaneamente duas intervenções. Enquanto uma equipe retira o nervo sural, localizado na parte inferior externa da perna, outro grupo realiza uma incisão de aproximadamente 10 cm junto à orelha, do lado oposto ao paralisado, para implantação do enxerto do nervo sural. Para que o paciente não perca a sensibilidade da face lateral do pé, os cirurgiões religam os nervos restantes ao nervo fibular — que envia estímulos nervosos para o resto do pé.

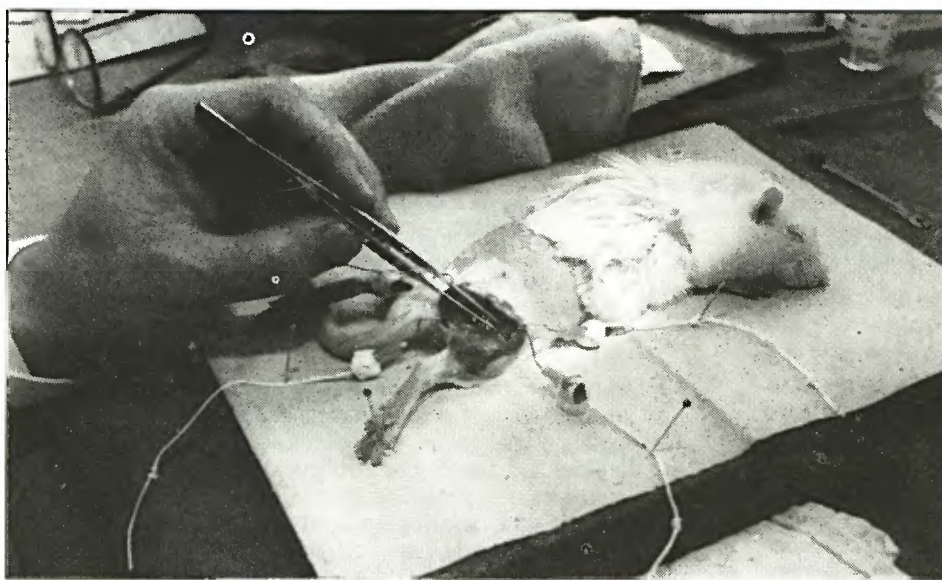
A segunda parte da operação é realizada cerca de um ano depois da primeira, tempo necessário para que o enxerto comece a transmitir impulsos elétricos. "As estruturas sadias vão se sobrepondo ao nervo doente, restabelecendo a passagem de estímulos elétricos", explica Viterbo, lembrando que o nervo cresce um milímetro por dia. "Depois desse período, o nervo enxertado é ligado às regiões paralisadas do rosto, restabelecendo assim o movimento facial", declara Aristides Palhares, membro da equipe. Ambas as cirurgias são realizadas com anestesia geral, duram entre duas e três horas e o paciente vai para casa em 24 horas. Os primeiros sinais de restabelecimento começam a surgir entre seis meses e um ano após a segunda cirurgia.

Para Fausto Viterbo, as vantagens da técnica são evidentes. "Antigamente, quando aten-



BONS RESULTADOS

Fausto Viterbo e equipe: novas perspectivas para várias áreas da medicina



EXPERIÊNCIAS

Testada em ratos, a nova técnica apresentou excelentes resultados

díamos um paciente com músculos faciais paralisados, tínhamos de cortar outro músculo para emendar no doente", lembra. "Um ficava bom, mas o outro atrofiava."

A nova técnica foi empregada pela primeira vez há dois anos. A paciente Eva Faragoni, 41 anos, sofria, desde os 7, de uma paralisia facial total que afetava o lado esquerdo de seu rosto. "Antes da intervenção, não conseguia fechar o olho esquerdo e esse problema restringia minha vida social", conta Eva, moradora de um sítio próximo à cidade de São Carlos. "Hoje, sou outra pessoa."

AMPLAS PERSPECTIVAS

Pessoas com nervo do plexo braquial — que faz a ligação entre a coluna vertebral e os braços, responsável pela sensibilidade dos membros superiores — avariado também podem ser beneficiadas pela técnica desenvolvida por Fausto Viterbo. "Os motociclistas costumam ser vítimas desse tipo de problema. Em um acidente é comum o músculo ser desligado da coluna", relata o médico. "Fizemos uma cirurgia desse tipo, este ano, com a equipe do cirurgião plástico Luiz Fernando Franciosi, do Hospital Cristo Redentor, de Porto Alegre."

A neurorrafia látero-terminal, que já vem sendo chamada de técnica Viterbo, poderá ser utilizada também em paraplégicos. "Acreditamos que o recurso poderá restituir parte da sensibilidade do paciente, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida", diz Viterbo. E cita um exemplo: "Dois jovens paraplégicos, que sofreram acidentes automobilísticos, são candidatos à intervenção. Eles esperam apenas pelo aval da Comissão Ética da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu para serem operados".

FUTURO PROMISSOR

A técnica desenvolvida na Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu possui um grande potencial. Os médicos acreditam que ela poderá ser empregada futuramente em áreas como a urologia e a otorrinolaringologia. "Prevemos sua aplicação, por exemplo, nos casos de incontinência urinária", diz o urologista José Carlos de Souza Trindade, também membro da equipe. Ainda de acordo com Trindade, outro campo a ser explorado diz respeito à impotência. "Esperamos conseguir a reenervação peniana, para solucionar casos de impotência de origem neurológica", conta.

Vítimas de paralisia da corda vocal lateral, causada por acidente ou em consequência de cirurgia para remoção da glândula tireóide, também têm grandes chances de terem seu problema solucionado. "As perspectivas da neurorrafia látero-terminal são imensas", avalia Fausto Viterbo.

(E.S.)

Emi Shimma

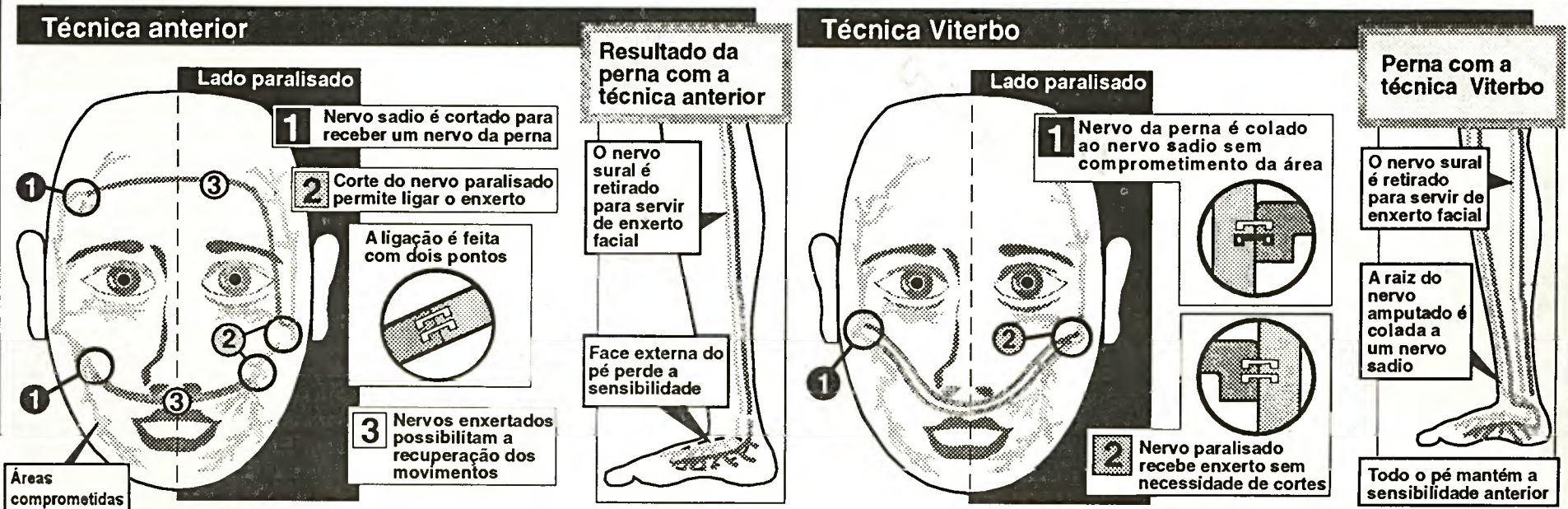
Operação, só após seis meses

A paralisia facial compromete a função da musculatura da face e afeta cerca de 15 pessoas em cada 100 mil. Pode ser causada por tumores, infecções, acidentes ou não ter causa específica. Pode ser total — quando afeta olhos e boca — ou parcial — quando atinge somente um dos órgãos. Na paralisia total, a pessoa não consegue fechar o olho do lado comprometido, podendo até perder a visão. Quando acomete a boca, a paralisia prejudica a alimentação e dificulta a pronúncia de certas palavras. "A impossibilidade de

exprimir emoções pela mímica facial causa grande prejuízo social", diz Viterbo. "A pessoa quer sorrir e seu rosto se entorta, transformando-se numa máscara disforme."

Qualquer paciente com paralisia facial pode ser beneficiado com a técnica, desde que o problema tenha se apresentado há pelo menos seis meses. "Antes desse tempo, existe a possibilidade de a lesão reverter naturalmente. Após seis meses não há retorno", explica Viterbo.

Como são feitas as cirurgias



Art. HUGO CARNEVALLI

Baseado em imagens do jornal "Zero Hora"

Nas redes da informática

A força das bombas atômicas que caíram sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, atingiu também a visão que os homens tinham do futuro. Na época, acreditava-se que o mundo ingressaria na era nuclear, baseada na espantosa energia contida no coração do átomo. Mas, como acontece com frequência, a história optou por caminhos imprevisíveis. Nascida discretamente durante a II Grande Guerra, a informática se tornou a tecnologia que nas últimas décadas detona uma revolução em escala internacional. O dinâmico exército dos computadores toma o planeta, entrando em empresas, órgãos governamentais e nas próprias residências. Graças a essa invasão, aprimora-se o trânsito das informações na sociedade moderna e as pessoas podem deixar de lado atividades mecânicas e maçantes. "Com a informatização, o homem deve estar livre para usar sua imaginação, criando novas teorias, por exemplo, o que uma máquina não pode fazer", assinala o professor Gerson Francisco, assessor-chefe da Assessoria de Informática da UNESP.

Em busca de maior eficiência, as universidades também se integram à era da informática. Nelas, a teia do computador acompanha cada vez mais de perto atividades que vão do controle de materiais num almoxarifado à pesquisa da origem do universo. Para não perder o bonde, ou melhor, o trem-bala dos novos tempos, a UNESP começa a implantar o seu Plano de Informatização. A proposta pretende instalar um sistema computacional que se ramificará por toda a Universidade, tanto na área administrativa como no setor acadêmico. O reitor, professor Arthur Roquete de Macedo, acentua que, ao lado da modernização e recuperação da rede de bibliotecas, a informatização é uma das grandes metas da Reitoria. "No primeiro ano de nossa gestão, colocamos como prioridade preliminar o equilíbrio de contas da Universidade", afirma. "Vencida essa etapa, poderemos desencadear essas duas ações, que beneficiam todos os segmentos da comunidade universitária."

REDE INFORMATIZADA

A UNESP que surge das propostas do plano — previsto para se concretizar num prazo de três anos — mantém o seu caráter multicampus, porém terá um novo perfil. A pedra fundamental do projeto é a criação da UnespNet, uma rede de computadores formada por redes locais instaladas nos câmpus, interligadas numa rede ampla que envolverá todas as unidades (veja mapa). Os ramos locais da UnespNet serão montados através de cabos de fibras óticas e de cobre, enquanto linhas exclusivas da Telesp se encarregarão da comunicação intercâmpus. Essa maior integração da Universidade se assentará num verdadeiro exército de equipamentos computacionais. Serão colocados micros em todos os departamentos e setores administrativos e a rotina das bibliotecas será automatizada.

Formado por cerca de três mil computadores, esse circuito será alimentado por bases de dados existentes nas bibliotecas e pólos computacionais dos câmpus e da Reitoria. Assim, confortavelmente instalado em sua sala de trabalho, um pesquisador poderá entrar em contato com um colega de outra unidade ou obter

COMODIDADE
Em seu micro, o docente obterá dados do Brasil e do exterior



ZILBERMAN

AVANÇO
Bibliotecas se modernizarão com equipamentos como bases de dados



A partir de 1994, a informatização dará uma cara nova à UNESP, que terá seus câmpus ligados em rede e computadores funcionando em todas as áreas.



ADMINISTRAÇÃO
Um centro em São Paulo gerenciará o funcionamento de toda a rede



INCENTIVO
Workstations e outras máquinas darão apoio às pesquisas

Paulo Zilberman

com rapidez informações armazenadas em qualquer ponto da UNESP e até mesmo em outras instituições do Brasil e do exterior. "Em São Paulo, haverá uma ligação com a Fapesp, que nos dará acesso a redes de computadores nacionais, como a ANSP e a RNP, e internacionais, como a Internet e a Bitnet", esclarece José Roberto Bolis Gimenez, analista de sistemas da Assessoria de Informática e responsável pela elaboração do projeto de redes. De acordo com Gimenez, São Paulo também sediará dois "ânjos da guarda" que zelarão pela eficiência da UnespNet: um centro de administração e gerência da rede e um centro destinado a garantir o bom funcionamento de equipamentos (hardware) e programas (softwares).

MICRO PRÓPRIO

A lista de equipamentos que darão corpo à UnespNet reúne desde micros para uso pessoal, que facilitarão o dia-a-dia de inúmeros docentes, até estações de trabalho — computadores de maior desempenho. Para contar com eles já no começo do ano que vem, a Universidade está promovendo uma concorrência aberta a empresas nacionais e estrangeiras (veja quadro nesta página). Cerca de 700 professores enviaram pedidos para receber seus micros pessoais. Após adquirir as máquinas, a Universidade as passará aos docen-

tes, num empréstimo que durará quatro anos e será renovável. Eles poderão pagar os equipamentos à vista ou por meio de um financiamento de 24 meses.

As justificativas dos professores que fizeram pedidos de micros revelam o quanto o computador já participa da vida acadêmica. Claudio Benedito Alves, do Departamento de Planejamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, declara que, quando receber seu equipamento, vai usá-lo para sistematizar os dados de suas pesquisas, preparar aulas e organizar projetos feitos junto à comunidade. "Hoje, preciso disputar os micros com outros docentes", explica. "Quando tiver minha própria máquina, vou ganhar autonomia de trabalho." O curso de Carlos Alberto Jambeiro da Rocha, do Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de São José dos Campos, também é preparado com o apoio de um micro departamental, que o auxilia a montar gráficos expostos nas aulas. "Com meu próprio micro, vou realizar com mais tempo e comodidade tarefas como pesquisas bibliográficas em disquetes, algo que hoje tenho que fazer na biblioteca da faculdade."

Outra máquina que o Plano de Informatização pretende disseminar pelos câmpus é a estação de trabalho, ou workstation. Desde o início de 1993, uma workstation funciona no Departamento de Eletricidade da Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá (FEG), apoiando pesquisas com chips (pastilhas de

silício que concentram milhares de transistores). Graças a características como a capacidade de processamento de dados muitas vezes superior à de um micro 486DX, ela pode trabalhar com softwares sofisticados, como o da empresa Cadence, cujo preço chega a US\$ 1 milhão. Aliás, devido à presença da estação de trabalho, a FEG pôde receber esse programa, que foi cedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Para ilustrar o potencial desse equipamento, Galdenoro Botura Junior, professor do Departamento de Eletricidade, recorda que levou dois anos para finalizar um projeto de microprocessador — um chip que controla máquinas — com a ajuda de micros 286. "Com a workstation eu levaria uns três meses e obteria resultados mais precisos."

MAIOR EFICIÊNCIA

Mas não é só na área acadêmica que a informatização da UNESP gera expectativas. De acordo com Maria Cecília Coutinho Rocha, assessora-técnica da Secretaria Geral, quando alguém pede a esse órgão dados sobre questões como normas que regem a UNESP, perde-se um tempo valioso com detalhes como pesquisa de publicações, xerox e envio do material. "Se a informação já estivesse no computador e pudesse ser transmitida, o solicitante receberia seu pedido mais rapidamente", Cecília argumenta que, depois que a Univer-

sidade se informatizar, a Secretaria Geral poderá pôr em prática o projeto do Sistema Unificado de Informações Acadêmicas, que reunirá na Reitoria dados sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UNESP e será acessível, via computador, a toda a comunidade universitária.

"A informatização nos proporcionará uma racionalidade e uma eficiência administrativa muito maiores", afirma o professor Arthur o reitor assegura que a presença do computador também beneficiará o conjunto dos cursos de graduação e pós-graduação. "A informática é, hoje, um instrumento valioso em todas as áreas do conhecimento", Gerson Francisco acrescenta que o uso consistente dessa tecnologia afetará cada vez mais os modos de se ensinar e se fazer pesquisa (veja quadro nesta página). O assessor-chefe da Assessoria de Informática prevê que os micros envolvidos no Plano de Informatização deverão chegar até o mês de março de 1994 e as workstations, em julho. "A instalação dos equipamentos será precedida do treinamento dos futuros usuários". Ainda, segundo sua previsão, a UnespNet entrará em funcionamento no segundo semestre do ano que vem. Gerson Francisco acentua que é difícil prever todas as consequências dessas mudanças. "Porém, a Universidade certamente ganhará uma cara nova e será mais ágil e eficiente."

André Louzas

A licitação já começou

Gasto com material pode chegar a US\$ 9,3 milhões

O processo para a aquisição dos equipamentos que informatizarão a UNESP já está em pleno andamento. No dia 14 de outubro passado, foi publicado no Diário Oficial do Estado o edital de licitação, elaborado pela Comissão Supervisora de Informática (CSI) e pela Assessoria Jurídica (AJ). No documento, a Universidade expõe sua proposta de informatização, materiais necessários, critérios de avaliação, prazos e outras exigências que deverão ser obedecidas pelas empresas interessadas. Gerson Francisco, assessor-chefe da Assessoria de Informática e presidente da CSI, reestima que o custo total dos equipamentos computacionais e programas vai superar os US\$ 18 milhões, mas ressalta que a UNESP deverá gastar no máximo US\$ 9,3 milhões. "Nossa proposta estabelece que a empresa vencedora, através de doações à Universidade, comprometa uma quantia igual à que vamos desembolsar." Ele enfatiza que a entidade vencedora deverá ainda firmar um convênio de cooperação tecnológica que prevê, entre outras formas de colaboração, o apoio na área de informática ao desenvolvimento de cursos de graduação e pós-graduação.

Do material a ser comprado fazem parte cerca de 2.500 micros de sete tipos diferentes, 400 Workstations, 48 servidores computacionais (equipamentos que armazenam bases de dados) e 26 roteadores (máquinas que distribuem as informações pela rede). Serão adquiridas mais de 200 impressoras laser e 1.400 impressoras matriciais, além de scanners (aparelhos que digitalizam informações) e plotters (que fazem desenhos). Até o dia 1º de dezembro, os interessados na concorrência deverão enviar suas propostas, que serão analisadas a partir do dia 2. De acordo com José Roberto Bolis Gimenez, analista de sistemas da Assessoria de Informática, as propostas precisarão preencher requisitos mínimos estabelecidos no edital para itens como, por exemplo, a capacidade de memória dos micros. "Já os equipamentos mais complexos, como as estações de trabalho, passarão por uma avaliação baseada em critérios de desempenho." Cada concorrente receberá duas notas finais: uma referente ao nível técnico de seus equipamentos e outra baseada no preço e nas condições oferecidas para a compra dos produtos. Na decisão final, a nota técnica terá peso de 65% e a comercial, de 35%. (A.L.)

Como os câmpus serão integrados



A rede da UNESP terá um eixo formado por São Paulo, Rio Claro, Araraquara, Jaboticabal, Rio Preto, Bauru e Botucatu, ao qual os demais câmpus se integrarão.

ARTE/HUGO CARNEVALI

Dando asas à imaginação

Laboratórios avançados permitirão que professor inove ensino e pesquisa

Um grande número de pesquisas na UNESP se move sob o impulso da informática. É o caso do trabalho do grupo de Fotogrametria e Sensoriamento Remoto da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, que reúne docentes dos Departamentos de Cartografia e Matemática. A proposta da equipe é confeccionar mapas com o auxílio de micros e plotters, aparelhos que auxiliam a elaboração de desenhos. "Nosso grupo já produziu um software que permite a classificação imediata de imagens enviadas por satélite, identificando, por exemplo, as culturas agrícolas de uma região", conta o professor Antonio Maria Garcia Tommaselli.

Quando se informatizar, no entanto, a Universidade ampliará várias vezes os horizontes de uso dos computadores. O Plano de Informatização prevê a implantação dos chamados "laboratórios de desenvolvimento", que atenderão necessidades acadêmicas e administrativas. Haverá três tipos de laboratório de desenvolvimento: de sistemas, de visualização científica e de multimídia. Caberá ao laboratório de sistemas desenvolver softwares aplicativos — ou seja, programas com funções específicas — na área administrativa das unidades.

CRIAÇÃO DE IMAGENS

Já o laboratório de visualização científica — que produzirá imagens destinadas a melhorar a compreensão de operações feitas em computador — vai permitir que a imaginação dos docentes voe alto. Através de recursos como workstations e softwares especializados, nesse local serão visualizados fenômenos cujo estudo envolve milhões de informações, como a evolução do efeito estufa no mundo. "As imagens poderão ter detalhes como cores relativas à variação de temperaturas no planeta, por exemplo", informa Yanis Cardoso Stoyannis, analista de sistemas da Assessoria de Informática. Por outro lado, os métodos de ensino certamente se enriquecerão com a entrada em funcionamento dos laboratórios de multimídia. Neles, as informações contidas num CD-ROM — uma base de dados do tipo de um CD musical — se transformarão em imagens num computador com tela de alta definição e em sons transmitidos por alto-falantes. Assim, em vez de falar sobre os hábitos de um certo mamífero, por exemplo, o professor de Zootecnia poderá deixar o animal "se apresentar" aos seus alunos.

Também está prevista no plano a instalação ou ampliação de quatro tipos de laboratórios de uso acadêmico: didáticos, de Computação, de Engenharia e de uso geral. Apenas para se ter uma ideia do que estará à disposição dos alunos e professores, os laboratórios de Engenharia terão workstations e programas como os que permitem uma análise visualizada do comportamento de estruturas físicas — um automóvel, por exemplo. "Dessa forma, será possível avaliar como a carroceria de um carro se comporta numa batida, sem que seja preciso realizar vários choques de veículos contra uma parede de concreto", argumenta Stoyannis. (A.L.)

MUDANÇA
Os métodos de ensino podem mudar, com novos laboratórios



O espectro da revolução rondava a sociedade brasileira dos anos 60. Camponeses sem terra promoviam invasões em nome de uma Reforma Agrária que viria na "lei ou na marra". Os trabalhadores urbanos paravam as fábricas e os meios de transporte e agitavam as cidades e as ruas com repetidas greves. Os estudantes participavam em campanhas de alfabetização, utilizando métodos inovadores que propunham a "conscientização" dos pobres e dos deserdados deste mundo. Questionavam a universidade conservadora e também frequentavam as ruas com suas passeatas. Até os militares subalternos, normalmente subordinados, erguiam fuzis ameaçadores, exigindo reconhecimento e participação. Um redemoinho agitava o tempo, impelindo as consciências e tomando forma artística através da música, do teatro, do cinema e das artes plásticas. Cada vez mais pessoas acreditavam na possibilidade de mudar o mundo através da palavra, do voto, da ação prática.

E a palavra "revolução" parecia ter uma capacidade mágica, mobilizava vontades. E todos a desejavam, ou a detestavam. Crentes e ateus, leigos e religiosos, direitistas e esquerdistas, militares e civis, todos falavam dela, e em seu nome, a seu favor, ou contra. O fenômeno era tão marcante que até mesmo os militares, quando empreenderam o seu golpe, nos idos de março de 1964, tentaram batizá-lo com o nome de "revolução". Chamar o golpe de golpe era ofensa para os que se tinham apoderado do poder.

Marcelo Ridenti, em *O Fantasma da Revolução Brasileira*, nos traz de volta este mundo de desafios e dissonâncias, na contra-corrente da História. A maior contribuição do trabalho é, sem dúvida, exatamente esta: reconstituir o contexto de conjunto em que se moviam os

Nós, que sonhávamos tanto com a revolução

DANIEL AARÃO REIS



O Fantasma da Revolução Brasileira, de Marcelo Ridenti. Editora UNESP/Fapesp. Capa de Moema Cavalcanti; 284 páginas; CR\$ 2.400,00.

atores do drama que se desenrolou em nosso País na segunda metade dos anos 60. O autor, professor da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, conseguiu, assim, com arte e talento, ultrapassar o padrão que se tornou comum para tratar da história recente das esquerdas: as versões autobiográficas, sem dúvida trepidantes, mas muito auto-referenciadas, e os ajustes de contas, reveladores, mas quase sempre marcados pelo ressentimento.

Marcelo Ridenti nos ajuda a compreender a agitação cultural, o movimento estudantil, os artistas e as esquerdas em suas conflituosas relações, a participação das mulheres, dos trabalhadores, dos ex-militares subalternos, o sonho da guerrilha camponesa e o pesadelo das ações armadas urbanas, a ilusão numa representatividade que já não existia, o cerco na clandestinidade, as múltiplas faces da resistência, a vida curta e a morte trágica de um projeto revolucionário. Não mais uma outra versão dos acontecimentos, mais atualizada e completa, mas um novo enfoque do processo, permitindo que se tenha um panorama global da época.

O autor era um garoto de 5 anos quando os tanques fizeram a "ordem" reinar no Brasil, no já longínquo ano de 1964. Apenas pressentiu inquietação e tristeza na face angustiada do pai. Ao longo dos anos seguintes recolheria, quase sempre casualmente, indícios e fragmentos de uma história que lhe escapava. Adulto, já formado, empreendeu o estudo que resultou neste belo livro, em que é possível compreender que os violinos, então considerados dissonantes e desafinados, estavam apenas querendo propor uma sinfonia diferente.

Daniel Aarão Reis é professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

O mal crônico da saúde pública

MOACYR SCLiar

Aqueles que não aprendem com o passado estão condenados a repetir seus erros, escreveu o filósofo Santayana. Em poucas áreas esta assertiva é tão verdadeira quanto na saúde pública. Quem quer que se tenha dedicado a esta tão ingrata quanto fascinante atividade vive sob a permanente impressão do *déjà vu*; e pior, aquilo que foi visto, e que é visto, não é nada agradável. A cíclica volta das pestilências ao Brasil, ainda que em circunstâncias sempre variáveis, é uma prova disto.

Não podemos, pois, deixar de saudar com entusiasmo o recente desenvolvimento da historiografia da saúde pública. Diferentes das obras do passado, freqüentemente laudatórias, os trabalhos dos novos autores se caracterizam pela visão crítica, apoiada num bom referencial teórico. E a presente *História sem fim... Inventário da saúde pública. São Paulo — 1880-1930*, de Maria Alice Rosa Ribeiro, é uma bela demonstração desta promissora vertente. O lugar e a época foram bem escolhidos. No passado, o Rio de Janeiro recebeu maiores atenções como núcleo de saúde pública — por várias razões, das quais não menor era a figura impressionante de Oswaldo

Cruz, cuja aura é uma tentação até mesmo do ponto de vista ficcional. Mas São Paulo, como Maria Alice bem o demonstra, é um filão igualmente rico, com peculiaridades que tornam interessante a comparação com o Rio de Janeiro. A imigração, por exemplo, que foi, como salienta a autora, a principal responsável pela expansão demográfica de São Paulo até 1920.

A imigração é um dos principais aspectos do período demarcado por Maria Alice, professora da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis. Mas há outros. A revolução pasteuriana: pela primeira vez cientistas estavam identificando agentes causais de doenças, caçando micróbios e domando-os com vacinas. A indústria em expansão associava-se à ciência: o próprio Pasteur projetou-se no cenário científico com trabalhos encomendados pelos industriais do vinho e da seda. Mas



História sem fim... Inventário da Saúde Pública, de Maria Alice Rosa Ribeiro. Editora Unesp; capa de Moema Cavalcanti; 271 páginas; CR\$ 3.250,00.

o capitalismo ascendente e a rápida urbanização que o acompanhou geravam problemas: a miséria, a promiscuidade, a falta de saneamento básico, as doenças ocupacionais. Por último, e não menos importante, esta foi uma época de governos fortes, capazes de proporcionar suporte aos sanitaristas em campanhas às quais não faltava uma conotação autoritária.

Neste cenário, Maria Alice situa a atuação da saúde pública em São Paulo, detendo-se em episódios ilustrativos como o saneamento de Santos, o trabalho de polícia sanitária em várias cidades e a campanha antituberculose. Não se trata de uma visão impressionista; números, documentos oficiais, notícias da imprensa documentam solidamente a pesquisa. O que não torna, de nenhum modo, a leitura árida; ao contrário, estamos diante de um texto muito agradável, ao qual não

faltam passagens saborosas; até Macunaíma faz sua entrada, como exemplo de migrante que penetra nos mistérios da cidade grande.

Particularmente interessante é o trecho sobre a Sociedade de Medicina e Cirurgia. Maria Alice mostra que o Apostolado Positivista — causa de muita dor-de-cabeça para Oswaldo Cruz — foi de escassa presença em São Paulo. Da mesma maneira, não houve "Revolta da Vacina" na Capital paulista, de crescimento menos caótico que o Rio. Outro ponto que merece destaque, no livro, é a reforma sanitária de 1925 (Reforma Paula Souza), que deslocou o foco de atuação da saúde pública das medidas policiais para a educação sanitária.

História sem fim... constitui-se, desde já, em texto fundamental para o entendimento da saúde pública no Brasil. Apreciei-o como sanitarista, familiarizado com muitos dos problemas aqui relatados; apreciei-o como escritor, ao me deparar com uma narrativa atraente e de fluente estilo; e apreciei-o como leitor.

Moacyr Scliar é médico-sanitarista e escritor, autor, entre outros livros, de *Cenas da Vida Minúscula*, *A Condição Judaica* e *Se eu fosse Rothschild* (L&PM Editora).

EDITORA

As páginas abertas da América Latina

Diretor da Editora UNESP é eleito vice-presidente de associação de editoras latino-americanas

Menos de três meses depois de ganhar dois prêmios Jabuti, considerado a mais importante láurea literária do País, a Editora UNESP dá mostras de que, mesmo ainda jovem, se consolida entre as editoras universitárias nacionais e internacionais. No último dia 10 de setembro, o diretor de publicações da casa, José Castilho Marques Neto, foi eleito vice-presidente da área Atlântica da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe (Eulac), em San José, na Costa Rica.

O campo de atuação de Castilho compreende, além do Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. "Minhas atribuições serão coordenar e

integrar as editoras universitárias desses países, além de promover a sua capacitação", diz Castilho. Entre os objetivos gerais da Eulac estão ainda a difusão do pensamento acadêmico na comunidade, o aperfeiçoamento técnico e administrativo das editoras universitárias e a melhor distribuição do livro acadêmico.

As editoras universitárias da América Latina, segundo Castilho, não têm um projeto editorial moderno, que compreenderia, entre outros pontos, a divulgação de novos conhecimentos e tecnologias para a sociedade, através dos trabalhos de professores ou de grandes autores. "E a Editora UNESP já vem fazendo isso", completa o diretor.



Adriana Zebrauskas

COORDENADOR

Castilho: tarefa de coordenação e integração de editoras universitárias da América do Sul

PESQUISA

A engenheira agrônoma do ano

Professora de Botucatu recebe título por estudo da mandioca

Os 25 anos dedicados à pesquisa da mandioca e a seus derivados têm rendido à professora Marney Pascoli Cereda, da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) do câmpus de Botucatu, inúmeras homenagens, algumas em nível internacional. Numa votação realizada por membros da Delegacia Regional da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP), Marney acaba de ser eleita a "Engenheira agrônoma do ano



Adriana Zebrauskas

DEDICAÇÃO

Marney: 25 anos de investigação da mandioca e seus derivados

de 1993". A pesquisadora recebeu o título no mês de outubro, na sede da Associação de Engenharia de Botucatu, junto com o professor Daniel Antônio Salati Marcondes, também da FCA, que ganhou a mesma condecoração no ano de 1992.

"Fiquei muito contente por terem valorizado a minha área de atuação, que é a de tecnologia de alimentos", diz Marney. Para o engenheiro agrônomo Hélio Grassi Filho, delegado regional da AEASP de Botucatu, a professora Marney fez jus ao prêmio ao implantar, na cidade, o primeiro centro de pesquisas de raízes tropicais do mundo, com apoio técnico de entidades francesas e inglesas e respaldo financeiro da Comunidade Econômica Européia (CEE). Segundo Marney, a idéia do centro de pesquisas é explorar a mandioca e outras raízes como matéria-prima para indústrias de bebidas, alimentos e têxteis, entre outras.

ANTROPOLOGIA

Doutora em mitos

Em breve, a professora Silvia Maria Schmuziger de Carvalho, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus da UNESP de Araraquara, poderá relacionar mais um item ao seu já extenso currículo. O Conselho Universitário da Universidade de Franche-Comté, em Besançon, França, outorgou, a ela, no último mês de outubro, o título de doutor *honoris causa*. A antropóloga, que investiga temas que vão da mitologia grega ao pensamento dos povos selvagens sul-americanos, deverá receber a honraria no próximo ano, em data a ser ainda confirmada.

"Foi uma grande surpresa", conta Silvia, que recebeu a notícia, por fax, em meados de outubro. Apesar de inesperada, a homenagem se explica: desde 1981, quando foi para Besançon fazer um estágio de pós-doutorado, a pesquisadora vem trabalhando junto ao *Centre de Recherches d'Histoire Ancienne*. "Lá, iniciei estudos conjuntos com o historiador de religiões Pierre Lévêque", conta a professora. À sua atividade profissional na França pode ser incluída ainda a publicação de artigos na revista *Dialogues d'Histoire Ancienne*, além de conferências e palestras sobre a teoria antropológica e a análise de mitos, proferidas na Universidade de Franche-Comté.

Professora aposentada, Silvia, 62 anos, dedica-se à pós-graduação da FCL, através da disciplina "Teoria do Mito", e ao Centro de Estudos Indígenas "Miguel A. Menendez" (Ceimam), que fundou em 1982 e hoje está em fase de institucionalização. "Faço parte da diretoria executiva do Ceimam, que reúne 21 docentes de nove unidades da UNESP", conta Silvia. Entre os objetivos do Ceimam, a professora destaca a realização e apoio a projetos que visem a defesa dos direitos das comunidades indígenas e o estudo dos sistemas de interação entre essas comunidades e o meio ambiente. Para Miguel Antônio Cancian, professor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal e presidente da comissão executiva do Centro, a láurea foi mais do que merecida. "Esse é o reconhecimento do empenho com que a professora vem tratando as questões relacionadas à antropologia indígena."

ODONTOLOGIA



Lilo Claretto

RECONHECIMENTO

Ruy: centro recebe homenagem na Costa Rica

Aplauso internacional

Por seus 8 anos de empenho na assistência odontológica a excepcionais, o Centro de Atendimento Odontológico a Excepcionais (CADE), unidade auxiliar da Faculdade de Odontologia do câmpus da UNESP de Araçatuba, recebeu, no último dia 22 de outubro, em San José, Costa Rica, uma homenagem especial. A honraria, uma placa de bronze, foi concedida pelo Instituto Interamericano da Criança e Departamento de Assuntos Educacionais, ambos da OEA (Organização dos Estados Americanos), e pelo Beach Center on Families and Disability, da Universidade de Kansas, Estados Unidos, como parte do Prêmio Eloisa Garcia Etchegoyhen de Lorenzo - 1993.

"Inscreveram-se para concorrer ao prêmio 41 candidatos, entre centros e universidades de catorze países do continente americano", explica o professor Ruy dos Santos Pinto, fundador e supervisor do CADE, que esteve na Costa Rica representando a Universidade.

O CADE é o único centro do País habilitado a capacitar profissionais para o atendimento odontológico de portadores da Síndrome de Down, deficiências visuais ou auditivas, paralisia cerebral ou autismo. "Temos 2.525 pacientes cadastrados, de 0 a 65 anos", conta Ruy, que comanda uma equipe de 43 profissionais. "Entre simples restaurações e próteses totais, já realizamos mais de 150 mil atendimentos", contabiliza o professor, satisfeito pelo reconhecimento de seu trabalho.

CEVAP

Centro agora tem diretoria

No último dia 27 de outubro, em solenidade realizada na Reitoria, tomou posse a primeira diretoria do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (CEVAP). O diretor do Centro — criado oficialmente como unidade complementar da UNESP, em maio último — é o professor Benedito Barraviera, do Departamento de Doenças Tropicais e Diagnóstico por Imagem da Faculdade de Medicina, e o vice-diretor é o professor Jorge Jim, do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências (IB), ambos de Botucatu.

"O CEVAP é, ainda, uma idéia", disse o novo diretor. "Pretendemos captar recursos extra-orçamentários, junto a empresas e agências financiadoras, para concretizá-la." O Centro, formado por cerca de 35 pesquisadores de Araraquara, Botucatu e Rio Claro, já deu início a sua nova fase com o apoio da iniciativa privada. Logo após a posse da diretoria, foi assinado um convênio entre a UNESP e a Baumer Ortopedia, de Mogi Mirim, visando, entre outros objetivos, o desenvolvimento da cola de fibrina — derivado do veneno de serpentes que substitui suturas cirúrgicas. "Pretendemos colocar a cola de fibrina no mercado internacional, já que o produto é superior aos similares encontrados no exterior", explicou o presidente da Baumer, Manoel Amaral Baumer.



Adriana Zebrauskas

PROPOSTAS

O vice Jim e o diretor Barraviera: captação de recursos externos para consolidar projeto do CEVAP

PERFIL

Benedito Barraviera, 42 anos, nasceu em Bauru. Formou-se pela Faculdade de Medicina (FM) do câmpus da UNESP de Botucatu, em 1977. Logo após, fez curso de especialização em doenças infecciosas e parasitárias. Em 1984 concluiu o mestrado em clínica médica e, em 1986, o doutorado, na mesma área. Em 1993 fez sua livre-docência na área de ofidismo e passou a professor-adjunto do Departamento de Doenças Tropicais e Diagnóstico por Imagem da FM-Botucatu.

VESTIBULAR

Cresce o número de inscrições

Aumento foi de 16% em relação a 1993

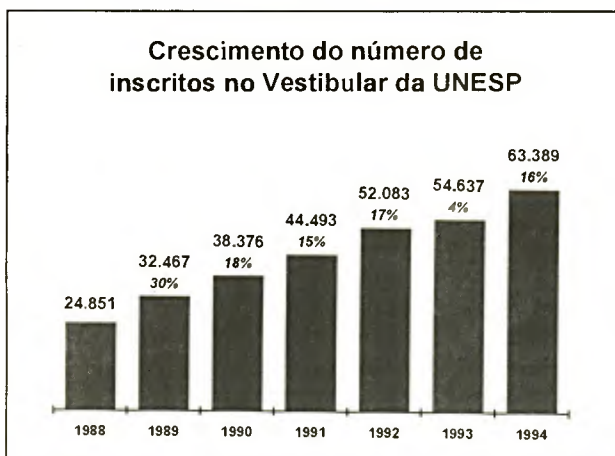
Pelo sexto ano consecutivo, o número de inscritos ao vestibular da UNESP continua aumentando: 63.389 candidatos concorrerão às 4.286 vagas oferecidas pela Universidade em 110 opções de cursos. Com relação ao ano passado, o aumento foi de 16%, considerado "muito significativo" pelo reitor Arthur Roquete de Macedo. "O crescimento na UNESP se deu numa base que já estava expandida, com o contínuo acréscimo ano a ano, enquanto em outras universidades o aumento verificado neste ano ocorreu após um período de estagnação, o que reflete uma demanda reprimida", afirma. Nos últimos seis anos, o total de inscritos no vestibular da UNESP cresceu 155%.

Segundo o reitor, três razões são responsáveis pelo índice positivo da UNESP: a reconhecida qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação, a intensa atividade de extensão, que torna a Universidade bastante conhecida junto à comunidade em geral, e as diversas atividades vol-



Fotos Adriana Zebrauskas

63.389 CANDIDATOS
Eles vão concorrer às 4.286 vagas oferecidas em 110 opções de cursos



tadas especialmente para os jovens, como a publicação do *Guia do Vestibulando* e do *Guia de Profissões* e a realização do Programa *Venha nos Conhecer*.

Outro fator que tem sido apontado como responsável pelo crescimento generalizado nas universidades públicas é o momento de recessão econômica. Para Macedo, entretanto, "é difícil avaliar se esse componente de fato influiu, pois os alunos de classe média, que seria o segmento atingido, já procuravam a universidade pública em função da qualidade de seus cursos", explica. "Por outro lado, acredito que o número de inscritos na UNESP poderia até ter sido maior se não tivesse ocorrido a greve na rede pública, que acabou atuando como um forte agente desmotivador e de desinformação para os estudantes", explica. "Dessa maneira,

os 16% são motivo de comemoração para nós."

OUTRAS INICIATIVAS

Ao lado da distribuição do *Guia do Vestibulando* e do *Guia de Profissões*, várias outras iniciativas para divulgação da Universidade junto a jovens foram desenvolvidas pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários. Durante o ano, a Proex participou de vários Encontros de Informação Profissional, realizados em São Carlos, Mococa, Sorocaba, Franca, Catanduva, Osasco e São Paulo, além de manter um estande na 2ª Fevest — Feira do Vestibular, que aconteceu entre os dias 20 e 23 de outubro, no Centro de Negócios de São Paulo, onde foram distribuídos os guias e vendido o *Manual do Candidato*.

RECURSOS

Pacto pelo bom serviço genético

Em reunião informal realizada no último dia 22 de outubro, na Reitoria, o reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, agradeceu ao presidente do Banco Pactual, Luiz Cezar Fernandes, os investimentos que seu banco vem fazendo junto ao Serviço de Aconselhamento Genético (SAG) do Instituto de Biociências do câmpus de Botucatu. "É a primeira vez que o Banco Pactual investe em uma pesquisa universitária", declarou Fernandes. A iniciativa, segundo o reitor, é um passo fundamental para que se dê o tão desejado salto qualitativo em termos de pesquisa, no País. "Nos países europeus, a maior parte das pesquisas é financiada por empresas privadas", observou.

Desde fevereiro deste ano, o Banco Pactual, com sede no Rio de Janeiro, vem repassando ao SAG US\$ 10 mil mensais, como parte do programa que será desenvolvido ao longo de quatro anos e que envolve um total de US\$ 800 mil. "Com a verba recebida até agora, estamos qualificando os recursos humanos e adquirindo equipamentos", disse o geneticista Danilo Moretti-Ferreira, coordenador do SAG. "Queremos atender a um número maior de pacientes, em melhores condições." Criado em 1963, o SAG atende, em média, mil pessoas por ano. Há três anos, o serviço conta com uma equipe de especialistas de diversas áreas médicas — ginecologia, genética, neonatologia, pediatria, endocrinologia e dermatologia — que desenvolve pesquisas avançadas no campo da medicina fetal.

INVESTIMENTO
Fernandes, do Pactual (terceiro à dir.): pela primeira vez o banco investe numa pesquisa universitária



ELEIÇÕES

Estudantes vão às urnas

Dois chapas concorrerão, nos próximos dias 17, 18 e 19 de novembro, à diretoria do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Helenira Resende.

"Temos muitos planos para a nossa gestão", comenta Elisabete Geraldini, 19 anos, segundalista do curso de Educação Artística do Instituto de Artes do câmpus de São Paulo, representante da chapa "Alô Base". "Pretendemos, por exemplo, reivindicar melhor assistência aos estudantes no que se refere a atendimento médico, restaurante universitário, moradia e bolsas de estudo a alunos carentes", relaciona. A chapa pretende, ainda, criar um curso informal de preparação política para estudantes, montar uma assessoria de imprensa para divulgar eventos promovidos pelo DCE e formar corais e grupos de teatro nos câmpus.

A chapa "Aberto ao Público", por sua vez, promete lutar por uma maior participação do estudante nas decisões acadêmicas que regem a Universidade. "Queremos que os alunos passem a reivindicar, por exemplo, o aumento do percentual do ICMS repassado às universidades públicas pelo governo estadual", diz Mário Perboni, 19 anos, do primeiro ano do curso de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca. "Lutaremos também para que a UNESP ofereça maior opção de cursos noturnos."

"A participação dos estudantes na eleição é fundamental", diz Marcelo Necho, 24 anos, aluno do quinto ano de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, membro da atual diretoria do DCE. "O DCE garante ao aluno sua representação dentro da política da Universidade, além de contribuir com sua formação política. É preciso manter viva a chama do movimento estudantil, dentro e fora da UNESP."

A votação é aberta a todos os estudantes dos 15 câmpus da UNESP. Em cada unidade haverá uma urna, que funcionará das 9 às 17 horas, nos três dias. A apuração será realizada nos dias 20 e 21, pela Comissão Eleitoral Central, composta por três membros de cada chapa e por dois integrantes da atual diretoria do DCE, no câmpus de Guaratinguetá. A nova diretoria deve tomar posse assim que for anunciada a chapa vencedora.

SIMPÓSIOS

Pós-graduação em amplo debate

No último dia 6 de novembro, encerrou-se o III Simpósio de Pós-Graduação e Pesquisa da UNESP. Nos meses de outubro e novembro, ocorreram quatro reuniões, visando uma ampla discussão sobre os problemas específicos dessa área dentro da Universidade, além da divulgação de projetos científicos. Juntos, os simpósios de Ciências da Saúde, realizado de 18 a 20 de outubro, em Atibaia, o de Ciências Agrárias e Veterinárias, nos dias 21 e 22, em Jaboticabal, o de Ciências Biológicas, de 25 a 27, em Atibaia, e, finalmente, o de Ciências Exatas e Engenharias, promovido entre 3 e 6 de novembro, em Atibaia, reuniram cerca de 800 participantes.

"O Simpósio superou nossas expectativas", comenta o professor Aramis Augusto Pinto, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal e membro da comissão organizadora do encontro de Agrárias e Veterinárias. O professor Flávio Henrique Caetano, do Instituto de Biociências do câmpus de Rio Claro, coordenador do evento de Ciências Biológicas, também se considera satisfeito com os resultados do simpósio. "Tiramos várias propostas visando renovar a pós-graduação, como por exemplo um maior critério no credenciamento de orientadores."

Entre os temas abordados no encontro sobre Ciências da Saúde estava a internacionalização da pós-graduação. "Convidamos o reitor da Universidade Ibero-Americana de Pós-Graduação, professor Víctor Cruz Cardona, e o reitor da Universidade das Nações Unidas, professor Heitor Gurgolino Souza, para nos falar das possibilidades de interação de suas instituições com a UNESP", conta a coordenadora do simpósio, professora Claudete Deguirmendjian Rosa, da Faculdade de Odontologia do câmpus de São José dos Campos.

O evento de Ciências Exatas e Engenharias foi o último da série e discutiu, entre outros pontos, a necessidade de um apoio especial à área e a descentralização da pós-graduação, de maneira geral. "Consideramos ainda importante a colaboração dos cursos já consolidados àqueles que ainda estão se desenvolvendo", comenta o professor Emanuel Rocha Woiski, coordenador do encontro e docente da Faculdade de Engenharia do câmpus de Ilha Solteira.



ARAÇATUBA

• 28/11. Encontro de **Corais** da UNESP, com a participação dos câmpus de Araçatuba, Bauru, Botucatu e São José do Rio Preto, além de corais convidados. Às 8h, oficina de canto coral, com o maestro Samuel Kerr; às 20h, apresentação dos corais.

ARARAQUARA

• 19/11. Seminário Geral sobre **Corantes e Pigmentos** — Classificação, Composição e Propriedades dos Tipos de Importância para a Indústria Cerâmica, às 14h30, por Geraldo Agosti. Na sala 1, do IQ.
 • 20/11. Palestra sobre **Radioisótopos e Radiações Ionizantes**, das 8 às 12h e das 14 às 18h, por Iracilda Zeppone Carlos. Na FCF.
 • 22 a 26/11. II Semana de **Valorização do Doador de Sangue**, coordenada por Luiz Marcos da Fonseca. Maiores informações pelo telefone (0162) 32-1233. Na FCF.
 • 27/11. I Curso de **Micologia e Microbiologia Clínica**, por Maria José Soares Mendes Giannini. Das 8 às 12h, "Diagnóstico Laboratorial das Micoses Superficiais", e das 14 às 18h, "Diagnóstico Laboratorial das Dermatofitoses". Maiores informações pelo telefone (0162) 36-2735. Na Associação Farmacêutica de Araraquara.
 • 27 e 28/11. Curso de Extensão Universitária sobre Técnicas de **Biologia Molecular** e suas Aplicações, coordenada por Regina Maria Barreto Cicarelli. "Aplicações da Tecnologia de DNA Recombinante", dia 27, das 8 às 12h e das 14 às 18h, e dia 28, das 8 às 12h. Na FCF.
 • 29/11. Palestra sobre Diagnóstico Laboratorial das **Micoses Profundas**, por Maria José Soares Mendes Giannini, das 14 às 18h. Na FCF.

ASSIS

• 11 a 13/11. 1º Encontro de **Estudos Linguísticos** de Assis. Dia 11, às 9h, "Reflexões e Tendências Atuais da Linguística", por Roberto Gomes Camacho; às 14h, grupos de trabalho; às 16h, comunicações; às 20h, "Linguística e Semiótica: Teoria e Prática", com Sívio de Santana Júnior, Lauro da Silveira e Ignácio Silva; às 22h30, apresentação musical. Dia 12, às 9h, "Português Falado", com Inge-dore Koch, Mercedes Rizzo, Clélia Jübráin e Erotilde Pezatti; às 14h, "Convênio Universidades/Projeto Vitae/Ensino de 1º e 2º graus", por Lígia Moraes; às 16h, comunicações; às 20h, jantar de confraternização. Dia 13, às 9h, "Fonética e Fonologia: Ensino e Pesquisa", por Rafael Hoyos-Andrade, João Morais, Regina Célia da Silveira e Norma Hochgreb; às 10h30, comunicações.

BAURU

• 11 a 19/11. Seminário sobre **Computação Gráfica**: "Dialogando com o Computador". Dia 11, das 19h30 às 22h30, "Multimídia: Dialogando com o Computador", por Fábio Simões Grossi, na sala 56. Dia 12, das 9 às 10h30, "Desenho Ergonômico: Movimentos dos Braços", por Paulo Kawachi e Maria Alzira Loureiro, na sala da congregação; das 10h30 às 11h30, "Caminhos a Seguir para Trabalhar com Computação Gráfica", por Vânia Valente, na sala da congregação. Dia 16, das 10h30 às 12h, "Superfícies de Revolução", por Lúcia Kumoto Katsuki, na sala 62; das 19h10 às 21h, "Do Ábaco aos

AGENDA

AQUI, A RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELA UNIVERSIDADE DURANTE O MÊS DE OUTUBRO.

JABOTICABAL

• 17 e 18/11. Curso Prático de **Produção de Geléia Real em Colônias de Apis mellifera**. Às 9h, Biologia e Comportamento de *Apis mellifera*. Determinação de Casta. Localização e Instalação de um Apiário. Coleta de Enxames; às 14h, Material Necessário para Produção de Geléia Real. Manejo das Colônias para Produção de Geléia Real. Prática no Apiário; Preparo do Material para Produção de Geléia Real e Transferência Simples. Dia 18, às 8h, Fatores que Afetam a Produção de Geléia Real em Colônias de *Apis mellifera*; às 14h, Prática de Transferência Simples e Extração de Geléia Real. As inscrições custam US\$ 15 para profissionais e US\$ 10 para estudantes. Maiores informações pelo telefone (0163) 23-1322.
 • 19 e 20/11. Curso de atualização: Programa de Atividades Físicas Adaptadas ao Portador de **Asma Brônquica**, por Moacir Pazeto. Informações pelo telefone (0163) 23-1322.

MARÍLIA

• 16 a 19/11. XXXIV **Semana da Faculdade**: "Viver em Marília: Temas para um Diálogo entre a Comunidade e a Universidade". Do programa constam mesas-redondas, sempre às 20h. Dia 16, "Meio Ambiente: Uma Questão de Vida". Dia 17, "Ética e Política: Uma Rima ou Uma Solução?". Dia 18, "Saúde e Doença: Novas Alternativas para uma Velha Questão". Dia 19, "Sobre/Viver em Marília: Economia e Emprego".

P. PRUDENTE

• 22 a 26, 29 e 30/11 e 1º/12. Curso de extensão universitária sobre **Geografia dos Solos do Brasil**, coordenado por Octávio Freire e destinado a geógrafos formados e alunos do curso de Geografia. Maiores informações pelo telefone (0182) 21-5388.
 • 29 e 30/11. Seminário sobre **A Ciência e a Tecnologia Aplicadas ao Pontal do Paranapanema**, das 9 às 12h e das 15 às 18h. Do programa constam os temas: "Atlas Geográfico para o Pontal do Paranapanema Paulista", "Planejamento Urbano e Rural para o Pontal do Paranapanema", "Curso de Capacitação de Professores de Escolas Rurais", "Análise e Avaliação dos Projetos de Assentamentos Rurais do Pontal" e "Qualidade Ambiental no Pontal do Paranapanema".

RIO CLARO

• 18 a 20/11. 38º Seminário Brasileiro de **Análise**. Do programa constam conferências e comunicações na área de Análise e dois minicursos sobre "Análise Numérica de Inequações Variacionais", por Carlos Moura, e "Atratores para

Sistemas Dinâmicos em Dimensão Infinita", por Angela Crippa. Maiores informações pelo telefone (0195) 34-0123.

S. J. RIO PRETO

• 11/11. Apresentação de trabalhos de **bolsistas de Iniciação Científica**, das 16 às 18h.
 • 22/11. Palestra sobre **Desenvolvimento de Embalagens para Alimentos**, por Ana Beatriz Borghi. Às 10h, na sala 12.
 • 23/11. Conferência sobre **Combinatória e Otimização**, por Ruy Madsen Barbosa, às 14h, na sala 1.

S. J. CAMPOS

• 24 a 26/11. X **Jornada Odontológica** "Prof. Cervantes Jardim". Dia 24, das 8 às 10h, "Estética em P.T.", por Regina Tamaki, das 10 às 12h, "Selantes", por Marcelo Fava de Moraes; das 14 às 16h, "Pacientes Especiais", por Ivan Haidamus Sodré Marques; das 16 às 18h, "Odontologia Empresarial", por Luiz Candelária. Dia 25, das 8 às 10h, "Homeopatia em Odontologia", por George Eliani Silva; das 10 às 12h, "Colgaduras e Simulador", por César Lascala; das 14 às 16h, "P.P.F. em Cant-Lever", por Fernando Eidi Takahashi; das 16 às 18h, "Princípios Biológicos em Prótese Buco-Maxilo-Facial", por Sigmar de Mello Rode. O programa inclui ainda os cursos de "Endodontia, dia 24, das 8 às 12h, por João Humberto Antoniazzi, "Odontopediatria", dia 25, das 8 às 12h, por Myaki Issáo, "Ortodontia: Alcance do Clínico", dia 25, das 14 às 18h, por Luiz Triviño, e "Dentística", dia 26, das 8 às 18h, por Luiz Narciso Baratieri. Dia 24, das 14 às 18h, II Simpósio "Professor José Luiz Ramos de Andrade", com o tema "Flúor". Maiores informações pelo telefone (0123) 21-8166.

SÃO PAULO

• 11/11. Recital de **órgão**, com Sílvia de Araújo. No programa, obras de Bach, 8. Galuppi, Franck, J. Alain e F. Franceschini. Na sala Maestro Fúrio Franceschini do IA.
 • 16 a 18/11. Curso de atualização e treinamento sobre Atividade de **Água nos Alimentos**, Aplicações nos Processos de Conservação e Manipulação dos Alimentos, das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h. O curso é organizado pela FCF-USP, FCA-Botucatu e CIRAD (França). Inscrições e informações na USP, pelo telefone (011) 818-3657. Na Cidade Universitária.
 • 18/11. Recital de **órgão**, com Luis Caparra. No programa, obras de Bach, Mendelssohn, Brahms, W. Mathias e L. Vierne. No Mosteiro de São Bento, no Largo São Bento, s/nº. Maiores informações pelo telefone (011) 228-3633.
 • 20/11. Recital de **Contrabaixo e Piano**, com Cesar Luis Vidal (con-

trabaixo) e Maria Helena Dal Pozzo (piano). No programa, obras de Bach, Koussevitzki, Bottesini, Raul do Valle e Gnattali. Às 19h, no auditório Maestro João Baptista Julião, do IA.

• 20/11. Recital de **órgão**, com Luis Caparra. No programa, obras de Buxtehude, Bach, Mozart e Haëndel. Na capela do Hospital Santa Catarina, à avenida Paulista, 200. Maiores informações pelo telefone (011) 252-4133.

• 21/11. **Recital** de obras do compositor E. Villani Côrtes, com a participação do pianista Antonio Tavares Ribeiro, da flautista Celina Charlier, do violoncelista Alexandre Diel e da soprano Efigênia Côrtes e o próprio autor ao piano. No Conservatório do Brooklin, sala Ayrton Escobar, Rua Roque Petrella, 46. Maiores informações pelo telefone (011) 241-3416.



• 23/11. Recital de **Canto e Piano**, com Leda Monteiro (canto) e Wesley Lacerda e Marcelo de Jesus. No programa, obras de Debussy, R. Miranda, Mozart e Donizetti, entre outros. Na sala Maestro Fúrio Franceschini, do IA.

• 25/11. Apresentação do **Grupo de Percussão do IA**. Às 12h, no auditório Maestro João Baptista Julião, do IA.

• 25/11. Concerto de lançamento do Grupo "Collegium Musicum", especializado em **Música Antiga**. Do programa constam a apresentação da fábula medieval "O Tempo Vai e Vem", sob a direção de Fernando Carvalhaes Duarte, e cantatas e peças do barroco francês e alemão, às 17h30. Na sala Maestro Fúrio Franceschini, do IA.

• 26/11. **Quintas Musicais UNESP/DERSA**, com Cláudia Oliveira (percussão). No programa, obras de compositores contemporâneos. Às 13h, no auditório do Dersa, à rua Iaiá, 126, Itaim, São Paulo.

• 27/11. **Sábados Musicais UNESP/USP**, com Rosimeire Moreira (canto), Ulisses de Castro e Rosimary Parra Gomes (violão). Do programa constam compositores clássicos e românticos. Às 16h, no Museu Paulista, Ipiranga.

• 28/11. **Música do Parque**, com Gabriela de Melo Machado (flauta) e Fábio Ramazzina (violão). No programa, obras de compositores clássicos e românticos. Às 16h, à rua Santa Cruz, 325, São Paulo.

NOTA

A AGENDA divulga, mensalmente, os eventos promovidos pela Universidade. Para isso, é preciso que as informações cheguem à redação até o dia 15 do mês anterior ao de sua realização, com o máximo de detalhes possível: datas, programa completo, local e horários. Escreva para: Praça da Sé, 96, 6º andar, CEP 01001-900 — São Paulo, SP. Fax (011) 35-4535. Tels.: (011) 37-7120 e 35-9489.

Os frutos permitidos

Mamey, cainito, maciela ou biribá. Trazidos das Antilhas, México ou África, estes frutos estão sendo aclimatados em Jaboticabal, num verdadeiro Éden terrestre.



O engenheiro-agrônomo Luiz Carlos Donadio, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do câmpus de Jaboticabal, é um especialista em provar frutas de formatos diferentes, cores estranhas e sabores exóticos. Há sete anos ele cultiva, numa área de dez hectares da FCAV, um pomar de características extremamente peculiares. São nada menos de 80 espécies de frutas, metade delas procedente de outros países, numa profusão de cores, tamanhos e variedades. Nesse verdadeiro jardim das delícias podem ser encontrados desde o mamey e o cainito, originários da América Central, até o canistel, do México, a maciela e a dovalis, da África, o mangustão, da Malásia, e o biribá, nativo das Antilhas e da Amazônia.

Pesquisador do Departamento de Horticultura do câmpus de Jaboticabal, Donadio é pioneiro na introdução e seleção dessas frutas na região Sudeste do Brasil. Seu trabalho, que conta com o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vem sendo desenvolvido desde 1986, quando estagiou numa estação experimental do Departamento de Agricultura norte-americano, na Flórida, e trouxe de lá a maioria das sementes e mudas plantadas em Jaboticabal. A maior parte dessas espécies é procedente da América Central e Caribe e está sendo avaliada quanto ao seu comportamento e adaptação às condições climáticas de São Paulo.



Fotos José Cordeiro

ÉDEN

Donadio em seu jardim das delícias: frutas exóticas

FUNDO DO QUINTAL

“A idéia básica do projeto é disseminar novas frutas no País”, resume Donadio. Segundo o pesquisador, a introdução de espécies exóticas ou de suas seleções melhoradas, no Brasil, tem um grande interesse para a pesquisa, na medida em que possibilita a diversificação do seu cultivo. “O Brasil tem condições de se tornar um importante produtor de frutas tropicais”, prevê. Na sua opinião, essas plantas poderiam se tornar conhecidas através do cultivo em pomares domésticos. “Nosso objetivo é fazer com que qualquer pessoa possa plantar, com sucesso, essas frutas no fundo do quintal de suas casas.”

O processo da comercialização das mudas, entretanto, ainda não está amadurecido. Segundo o engenheiro, é necessário conhecer as características das plantas, aprender a conservá-las em diferentes condições climáticas, observar o



BONS FRUTOS

Trazido do México, o canistel despertou o interesse de vários produtores

seu comportamento em relação a outras frutas da região para, só depois, comercializá-las. “Ainda nos faltam muitas informações para iniciarmos a venda em larga escala”, diz.

As plantas frutíferas introduzidas por Donadio no câmpus foram analisadas segun-

do alguns critérios básicos, como desenvolvimento do porte, produção inicial e qualidade dos frutos. Para cultivá-las, Donadio não recorreu a nenhuma técnica especial — apenas manteve livres de mato as plantações, selecionou os espécimes que apresentaram os melhores frutos e adubou normalmente. Nas árvores de mamey, por exemplo, que lembram um pé de cacau e atingem mais

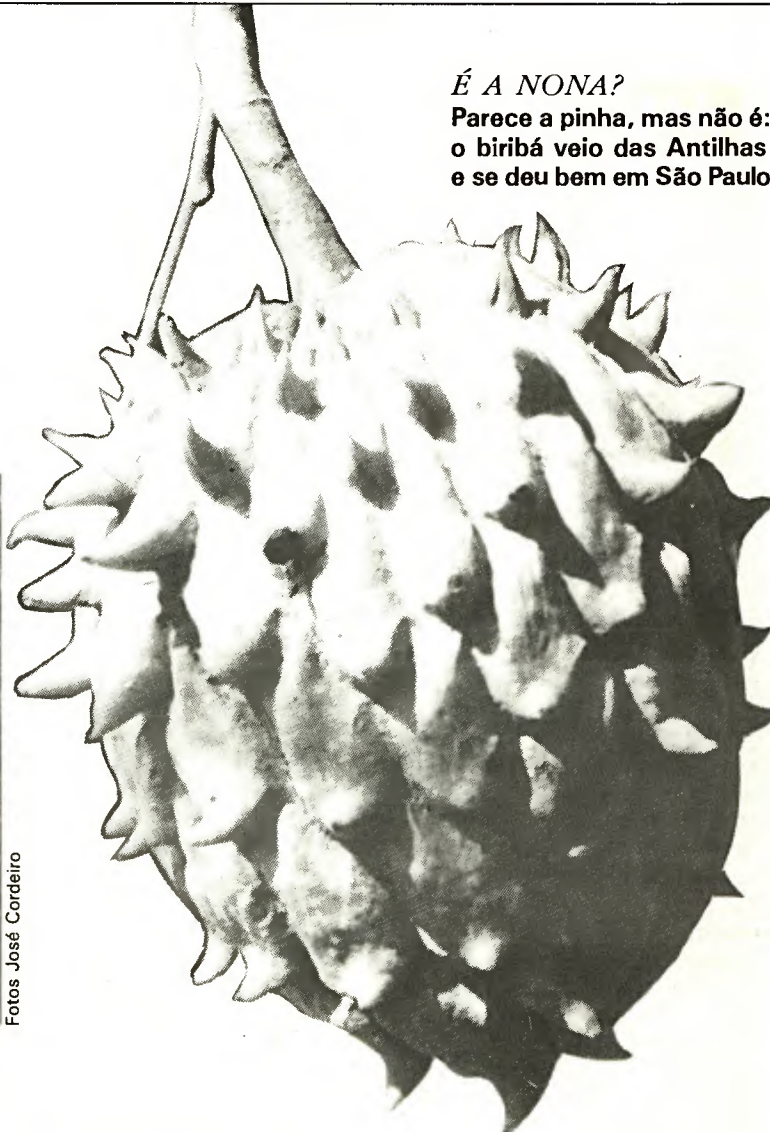
de cinco metros de altura, não houve necessidade de aplicar defensivos agrícolas. “Ocorreram eventuais ataques de insetos nas folhas, mas a incidência foi pequena”, explica. A intenção do pesquisador é de que as plantas frutifiquem nas condições climáticas de Jaboticabal, sem nenhum trato especial. “Tivemos apenas o cuidado de irrigar com mais frequência algumas espécies frutíferas do Amazonas, como a sapota, o araçá-boi e o abiu, que se ressentiram da falta de chuvas.”

O mamey, o canistel e a cereja-das-antilhas foram as plantas que apresentaram frutos de melhor qualidade. O biribá, de cor amarela quando maduro, parecido com uma pinha ou nona, o araçá-boi, arbusto da Amazônia, e a dovalis, de cor avermelhada, bastante utilizada em sucos e geléias, também se adaptaram bem à nova casa. A bunchosia, das Antilhas, que lembra o café, no entanto, não se aclimatou bem em São Paulo. “Não produziu bons frutos”, diz Donadio.

O potencial alimentar da maior parte dessas frutas ainda é desconhecido pelo pesquisador. “Pretendemos iniciar, em breve, uma investigação sobre esse aspecto”, observa. Já se sabe, porém, que o biribá e o araçá-boi são ricos em sais minerais e vitaminas. “Como essas frutas não têm calorias, podem ser ótimas opções para quem não quer engordar”, afirma.

É A NONA?

Parece a pinha, mas não é: o biribá veio das Antilhas e se deu bem em São Paulo



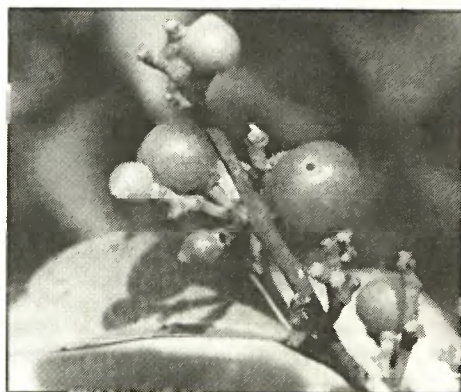
ACEITAÇÃO COMERCIAL

Entre as cerca de duas mil mudas de 30 espécies diferentes de frutas comercializadas no câmpus de Jaboticabal, o mamey é das mais procuradas. “Ela é muito saborosa e, na Flórida, tem alta aceitação comercial”, diz o pesquisador. Parente do sapoti, tem forma oval, casca marrom e peso variando entre 400 gramas e um quilo. Demora de 12 a 15 meses para amadurecer. A polpa do fruto, quando madura, é avermelhada, com consistência amanteigada. As sementes podem ser cozidas ou torradas e misturadas ao cacau, para a produção de chocolate. O mamey pode ser consumido *in natura*, batido com leite ou então aproveitado em geléias, sorvetes e cremes.

O canistel, cultivado em larga escala na Flórida e América Central, também tem despertado interesse dos produtores da região de Jaboticabal. A árvore, que lembra uma laranjeira, pode atingir até 30 metros de altura. O fruto, de formato oval, é parecido com um peão e demora seis meses para amadurecer. Mede entre 5 e 12 centímetros, tem casca amarela e membranosa e a polpa é mole, de cor amarelada. “O aroma do canistel é muito apreciado, mas, para alguns, o gosto é enjoativo”, afirma o pesquisador.

O empresário Manoel Carlos Barbosa, presidente da Cianb-Tecnologia e Agropecuária Ltda., empresa que planta soja e milho na região de Uberaba, Minas Gerais, resolveu diversificar a sua produção. Apostou no mamey. Comprou mil mudas da fruta e até 1995 pretende introduzi-la em redes de supermercado e hotéis de luxo. “O mamey tem um sabor excepcional, que lembra uma mistura de mamão com melão”, diz ele. Barbosa afirma que, em Cuba, a fruta é muito tradicional e, no Brasil, também deve ter boa aceitação. “Quem já experimentou, adorou”, garante.

Tânia Belickas



GELÉIAS E SUCOS

Superácida, a africana dovalis é ótima para doces e refrescos



PROCURA-SE

Primo caribenho do sapoti, o mamey é das frutas mais procuradas